



**ANGÚSTIA E MEDO  
DOCENTE NA  
CONTEMPORANEIDADE:  
UMA REFLEXÃO SOBRE A  
REALIDADE BRASILEIRA**

---

Teachers' distress and fear in  
contemporary times: a reflection on  
Brazilian reality

...

Angustia y miedo docente en la  
contemporaneidad: una reflexión sobre la  
realidad brasilera

---

Por:

***Karine de Assis Oliveira Soares<sup>1</sup>***

Instituto Federal de Goiás, Brasil.

assis.karine@gmail.com

 [0000-0002-4182-7528](https://orcid.org/0000-0002-4182-7528)

***Flomar Ambrosina Oliveira Chagas<sup>2</sup>***

Instituto Federal de Goiás, Brasil.

flomarchagas@gmail.com

 [0000-0002-8873-9234](https://orcid.org/0000-0002-8873-9234)

***Euclides Paradedá Corrêa<sup>3</sup>***

Instituto Federal de Goiás, Brasil.

euclidescorrea@yahoo.com.br

 [0000-0002-6906-7508](https://orcid.org/0000-0002-6906-7508)

---

**Recepción:** 14/10/2019 • **Aprobación:** 24/02/2020

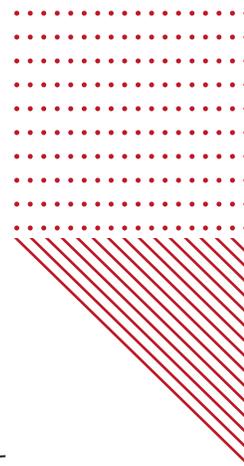
**Resumo:** O presente artigo é fruto de estudos de uma pesquisa em andamento sobre o mal-estar docente que acomete os professores da educação média no Brasil. Nesta pesquisa prévia, objetivamos refletir e compreender, por meio de revisão bibliográfica, como as ideologias que depreciam o valor educativo contribuem para o estado de angústia e medo dos professores do Brasil. Analisaremos as políticas educacionais que vêm sendo adotadas no Brasil, como a reformulação do Ensino Médio que flexibiliza disciplinas como Arte, Filosofia e Sociologia, e o projeto de lei *Escola Sem Partido*. Recorreremos às contribuições nietzscheanas para fazer uma reflexão sobre o que foi se distanciando, ao longo da história, do que se considerava ideal para a educação dos povos. Não obstante, refletimos sobre o constante desgaste que a profissão docente vem sofrendo e suas queixas de angústia, medo e mal-estar.

**Palavras-chave:** Transtornos da personalidade; Stress mental; Docência.

**Abstract:** This article is the result of previous studies of an ongoing research on teacher discomfort that affects middle school teachers in Brazil. In this previous research, the objective was to reflect and understand, from a literature review, how ideologies that look down on educational value contribute to the state of anxiety and fear of teachers in Brazil. We will analyze the educational public policies adopted by the current Brazilian government, such as the reformulation of secondary education that makes the offer of subjects such as Art, Philosophy and Sociology more flexible, and the *Escola Sem Partido* Law Project, which leaves teachers in a constant state of uncertainty and anguish in relation to their careers and, mainly, to the educational future of the country. We resorted to Nietzsche contributions for a reflection on what was moving away, throughout history, from what was considered ideal for the education of peoples. However, we reflect on the frequent exhaustion that teachers suffer over time, and their complaints of constant anguish, fear and discomfort.

**Keywords:** Personality disorders; Mental stress; Teaching.

**Resumen:** El presente artículo es resultado de estudios previos de una investigación en marcha sobre el malestar docente que afecta a los profesores de la enseñanza media en Brasil. En esta investigación previa, el objetivo era reflexionar y comprender, a partir de una revisión bibliográfica, cómo las ideologías que desprecian el valor educativo contribuyen para el estado de angustia y miedo de los profesores de Brasil. Analizaremos las políticas públicas educacionales adoptadas por el actual gobierno brasileño, como la reformulación de la enseñanza



media que flexibiliza la oferta de asignaturas como Arte, Filosofía y Sociología, y el proyecto de ley *Escola Sem Partido*, que deja a los profesores en constante estado de incertidumbre y angustia con relación a sus carreras y, principalmente, al futuro educacional del país. Recurrimos a las contribuciones nietzscheanas para una reflexión sobre lo que se fue alejando, a lo largo de la historia, de lo que se consideraba ideal para la educación de los pueblos. No obstante, reflexionamos sobre el constante desgaste que el profesor sufre a lo largo del tiempo, y sus quejas de angustia, miedo y malestar constantes.

**Palabras clave:** Trastornos de la personalidad; Estrés mental; Enseñanza.

---

**Este artículo no recibió financiación.**



Este trabajo está bajo la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional.

---

### ¿Cómo citar este artículo? / How to quote this article?

Oliveira Soares, K., Oliveira Chagas, F., y Paradedda Corrêa, E. (2019). Angústia e medo docente na contemporaneidade: uma reflexão sobre a realidade brasileira. *Praxis, Educación y Pedagogía*, (3), 158-171. doi: [10.25100/praxis\\_educacion.v0i3.8591](https://doi.org/10.25100/praxis_educacion.v0i3.8591)



## Introdução

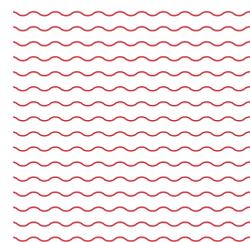
A presente pesquisa nasceu da indignação e da inquietação com os constantes atentados que a profissão docente vem sofrendo no Brasil. Projetos como o *Escola Sem Partido* ameaçam conquistas que os professores tiveram ao longo de vários anos no período pós-ditadura militar de 1985 até o presente.

Há uma crescente produção bibliográfica com grupos de pesquisa em diversas instituições de ensino superior do país, que têm se ocupado em discorrer sobre temas que tangem os desafios e os desconfortos da profissão docente, além das doenças psíquicas causadas pela constante angústia que os professores experimentam. Há um sentimento por parte dos docentes que seu exercício laboral não

é valorizado, seja pela sociedade em geral, seja pelos representantes políticos. Uma pesquisa feita em 2017, pela Associação de Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), revela até setembro de 2017 cerca de 27.082 professores se afastaram das salas de aula, o que representa um aumento de 37% em relação ao ano anterior. De acordo com os entrevistados, foi apontado como maior agravante a violência escolar e o desgaste na relação professor-aluno (Arcoverde, Franco, Galvão e Prado, 2017).

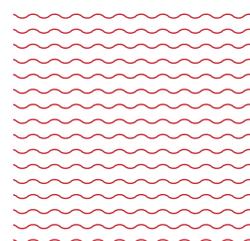
Esteve (1999, p. 78) elenca algumas das principais consequências físicas e psíquicas que o mal-estar docente pode agravar, são elas:

1. Sentimentos de desconcerto e insatisfação ante os problemas reais da prática do magistério, em franca contradição com a imagem ideal do mesmo que os professores gostariam de realizar;
2. Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal do trabalho realizado;
3. Pedidos de transferência como forma de fugir de situações conflituosas;
4. Desejo manifesto de abandonar a docência;
5. Absentismo trabalhista como mecanismo para cortar a tensão acumulada;
6. Esgotamento e cansaço físico permanente;
7. Ansiedade como traço ou ansiedade de expectativa;
8. Estresse;
9. Depreciação do ego;
10. Ansiedade como estado permanente, associada como causa e efeito a diversos diagnósticos de doença mental;
11. Neuroses reativas;
12. Depressões.



Além das consequências no âmbito da saúde dos professores, não podemos deixar de considerar as implicações sociais que são agravadas; os baixos salários e o pouco ou nenhum prestígio social. Assim, Esteve (1999) faz crítica pertinente aos valores que depreciam o trabalho docente.

Nossa sociedade é hipócrita e ambivalente quando aplica a nós, professores, o velho discurso da abnegação e do valor espiritual e formativo de nosso trabalho, quando na verdade deprecia tudo o que não tenha valor material [...] É injusto que nossa sociedade nos considere únicos responsáveis pelos fracassos de uma sistema educacional massificado, apressadamente maquiado para fazer frente à avalanche da crise social, econômica e intelectual de nossa sociedade. Sobretudo quando ninguém se atreve a redefinir funções porque pode se tornar impopular. (p. 19).



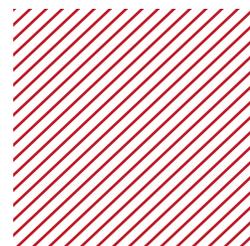
Por outra parte, a angústia e o medo que cercam a atividade docente pode ser visto como um reflexo do mal-estar geral da contemporaneidade. Um mal-estar que é decorrente da necessidade gerada pelo produtivismo, fruto do sistema capitalista que tornou o trabalho mecânico, repetitivo e desgastante. O trabalho docente não se faz diferente, os professores, no sistema educacional brasileiro, precisam cumprir metas estipuladas pelo Estado e levantar os índices que medem a qualidade da educação das escolas. Os baixos salários levam os docentes a assumir jornadas duplas ou triplas de trabalho, em busca de uma vida mais digna. Como mostra a análise do professor José Carlos Libâneo, feita sobre a política educacional, por ocasião da greve de professores da rede estadual de Goiás, em 2012, afirma que a política educacional é controlada por resultados, o Estado fixa metas e estipula indicadores quantitativos e maior eficácia de todos os atores que compõe o sistema educacional. Para que os resultados sejam alcançados, estimula-se os professores com premiações e bonificações:



As consequências disto são previsíveis: instrumentalização crescente da educação tendo em vista formar o capital humano em que a empregabilidade substitui o direito ao trabalho; currículo instrumental com conhecimentos práticos; entrada total da educação no universo econômico enquanto mercado (de educação, de produtos e serviços pedagógicos, “kits” de formação, de professores e alunos etc. [...]);exacerbação do individualismo num contexto de competitividade mundial conduzindo a escola e os professores à cultura do individualismo (cada um por si, conseguir desempenho melhor que os outros) ao invés de uma cultura da cooperação e do bem coletivo; [...] tirania da obrigatoriedade de resultados: pressão em cima dos professores e dirigentes escolares, concorrência e competição entre escolas e professores, recompensa aos bem-sucedidos, punição aos malsucedidos; [...] institucionalização do “professor-executor” (tarefeiro), capacitado em técnicas, facilitador de aprendizagens [...] mas desprovido do conhecimento científico. Não se trata de outra coisa senão da subordinação a um modelo de capitalismo que se torna uma forma de racionalidade tecnológica que impõe o controle e a dominação. (Libâneo, 2012, pp. 2-3).

Nesse sentido, levantaremos a seguinte questão: como as ideologias que depreciam os valores educativos contribuem para o estado de angustia dos professores do Brasil? O trabalho se dará em duas partes: na primeira; faremos uma reflexão acerca da angústia e o medo que somos acometidos no exercício docente, reflexo das modificações constantes do mundo contemporâneo, e na política brasileira, que transformou, não só as instituições de ensino, mas também a própria condição humana e conseqüentemente o trabalho

docente. Recorreremos às contribuições do filósofo Friedrich Nietzsche para refletirmos sobre a crise dos valores educativos que recai sobre o trabalho docente. E, na segunda parte, refletiremos sobre a precarização do trabalho docente, e como isso contribui para a perda de autoridade docente à luz das contribuições de Adorno (2008), Arendt (2011) e Aquino (2014).



## **Contribuições nietzscheanas acerca do medo e da angústia no exercício docente**

Exploraremos às contribuições de Nietzsche para tratarmos do estado de medo e de angústia que nos encontramos na civilização contemporânea. Para tanto, faz-se necessário retomar o conceito de cultura e compreender como os valores morais interferem nos profissionais que nos tornamos.

Em Nietzsche, a cultura (ou civilização) é tida como um processo violento, e a formação do indivíduo relaciona-se com a violência na medida que o sujeito é castrado pelos valores vigentes (Nietzsche, 2009). A moral é um problema central na análise nietzschiana da cultura. Ela está relacionada com o ponto de vista histórico dos indivíduos: os sujeitos não criam novos valores, eles são condicionados aos valores conhecidos através dos acontecimentos. De acordo com o filósofo, é necessário avaliarmos que tipo de homens e de mulheres os valores criaram. A moral não é isenta do sujeito, ela visa a formar certo tipo de sujeitos de acordo com os interesses da moral em vigor, que impõe valores que não são passíveis de questionamento (Silva, 2000).

Com as rápidas e constantes transformações no âmbito social, como a inserção intensa dos jovens no mundo tecnológico e o rápido acesso a grande quantidade de informações, cresceram as responsabilidades dos professores. A família renunciou às suas responsabilidades escolares, transferindo-as para a instituição escolar. Se o aluno chega à escola demonstrando não compreender valores de cordialidade e de disciplina, logo o professor é culpado pelo fracasso dele. Em relação aos valores, há uma certa contradição entre os valores da sociedade (que transfere aos professores às instituições escolares a responsabilidade de educar seus filhos), os valores da instituição escolar (que se ocupa de aumentar índice instituídos pelo Estado), e os valores do próprio docente (que pretende promover ensino e aprendizagem). Assim, afirma Esteve (1999):



O conflito se instaura nas instituições escolares quando se pretende definir qual é a sua função, que valores, dentre os vigentes em nossa sociedade, o professor deve transmitir, e quais, pelo bem dos alunos, deve questionar e criticar. (p. 30).

A Organização Internacional do Trabalho (OIT), conforme Esteve (1999) aponta como um gerador de angústia, o momento em que o professor deve definir o que fazer e quais valores irá defender.

Em uma época que em que se cobra cada vez mais que a escola cumpra funções que tradicionalmente competiam com outras instituições sociais como a família, os educadores consideram que é injustificável acusá-los de que não estejam à altura de todos os desafios que propõe um mundo em rápida transformação, especialmente se eles não dispõem dos recursos que desejariam para enfrentar esses desafios. (OIT, *apud* Esteve, 1999, p. 31).

A ideia de niilismo se assemelha com o que chamamos de medo, angústia e perda de autoridade docente. Nihilismo é um conceito filosófico do qual podemos nos apropriar, para compreender o que se passa nas mais diferentes esferas do mundo contemporâneo. É a desvalorização e a morte do sentido, a ausência de finalidade e de respostas ao porquê. Os valores tradicionais, que nos impõem sentido e valor de verdade e de comportamentos, depreciam-se e os princípios e critérios absolutos dissolvem-se. Tudo é posto radicalmente em discussão (Amorim, 2013).

Se o niilismo se alimenta do ressentimento que, por sua vez, provoca a paralisia, a perda de autoridade, com certeza podemos encontrar aí um dos significados do mal-estar docente. Aquele mal-estar que faz com que o professor se acostume a apenas repetir conteúdo. Vê-se preso a velhos hábitos e sente necessidade de abandoná-los, mas, ao mesmo tempo, falta-lhe coragem por causa de seu isolamento e falta de coletividade entre seus comuns. Gadelha (2005) dizia que o problema não era ter de atravessar, mas nascer em desertos.

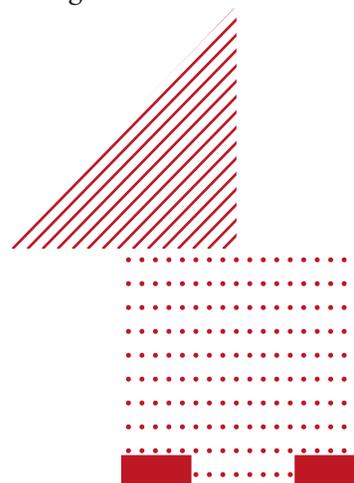
A atividade formativa, nos estabelecimentos de ensino da contemporaneidade, é marcada por certo distanciamento da condição natural do sujeito racional; considerando a análise nietzschiana do ser humano como animal que possui instintos e racionalidade. Isso ocorre, ainda segundo essa mesma perspectiva, devido à inserção do mundo ocidental na cultura judaico-cristã, situação em que a moral vigente influencia diretamente na cultura e, conseqüentemente, no tipo de formação ofertada nos estabelecimentos de ensino.

Como afirmou Arendt (2011), a educação é o espaço em que é necessário permanecer viva a vontade de criar um mundo novo, conservando aspectos que possibilitam essa criação. Por meio da educação, que possibilita o contato com a tradição, preserva-se aquilo que nos dará condições de criação e é durante esses processos que o sujeito se torna autônomo. Um ensino cada vez mais focado na técnica, na reprodução e memorização de conteúdo, perde seu caráter emancipador, dando lugar ao ensino que inibe totalmente a capacidade criadora do indivíduo.

A educação, salienta Nietzsche (2011), deveria formar o jovem para ser um verdadeiro humano pensante. O humano, dado como comum, está focado em bens financeiros e às necessidades do mercado. Ele se aproxima do que Nietzsche denomina moral dos escravos. Os escravos são aqueles que vivem de acordo com a moral decadente, aquela que nega instintos e liquida qualquer potencialidade humana e sua capacidade criadora, decorrente da moral vigente. Encontram-se alienados em uma condição de submissão ao Estado, mercado e cultura decadente. Em oposição à moral dos escravos encontra-se a moral dos nobres, aqueles que possuem a capacidade criadora, que analisam e avaliam de forma crítica a moral, a cultura, o mercado e o Estado.

## **Precarização do trabalho docente e a perda de autoridade**

Os professores enfrentam o medo e a angústia docente desde a graduação, com a dicotomia, no Brasil, entre o bacharelado e a licenciatura. Parece-nos que a profissão sempre foi tida como uma ameaça para o Estado. Em 2014 foi criado o Projeto de Lei (PL) denominado *Escola sem Partido* que ameaça não só a autonomia de disciplinas como Artes, Filosofia e Sociologia no Ensino Médio, mas também a saúde dos professores e a prática docente, visto que objetiva impedi-los de expor opiniões e trabalhar determinados conteúdos. O PL é produto do movimento crescente no Brasil fundado pelo Advogado Miguel Nagib.<sup>4</sup> Desde sua criação, o tema vem sendo discutido por todo o país em câmaras municipais, assembleia legislativa (PL 7180/14 de autoria do Deputado Erivelton Santana – PSC/BA) e congresso nacional ( PLS 193/2016 de autoria do senador Magno Malta – PR/ES). Aprovado em alguns municípios, vem sendo questionado, e cassado em muitos casos, dada a invasão de competência para legislar sobre temas que a Constituição Federal reserva para o ente federativo nacional. A discussão segue no legislativo federal, com possibilidades de emenda à Constituição. Destacamos



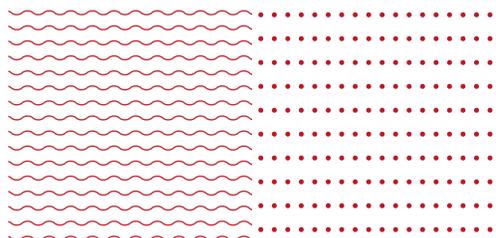
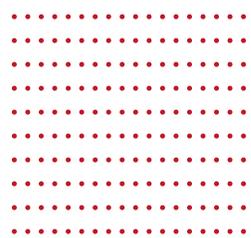
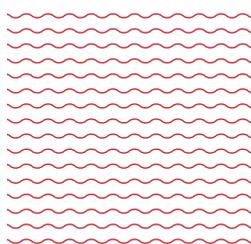
que algumas entidades, como a Comissão Nacional de Direitos Humanos e Ministério público, se posicionaram contra a medida.

À primeira vista, o projeto parece coerente com o que deve ser feito em sala de aula, como o respeito a pluralidade de pensamento e de crença. Existe algo subjacente a esta proposta: seus defensores partem do pressuposto de que há, nas escolas do país, uma doutrinação partidária de esquerda por parte dos professores e que a educação do país tem formado militantes e não sujeitos pensantes.

No artigo 3º do referido, há o estabelecimento de regras que os professores devem seguir e obriga que as instituições afixem cartazes em todas as salas de aula com a lista de deveres do professor, que são:

I - não se aproveitará da audiência cativa dos alunos, para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias; II - não favorecerá, não prejudicará e não constrangerá os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas; III - não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas; IV - ao tratar de questões políticas, sócio-culturais e econômicas, apresentará aos alunos, de forma justa, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito; V - respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções; VI - não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de estudantes ou terceiros, dentro da sala de aula. (Projeto de Lei 7.180/2014).

Nota-se que há uma intensa estratégia de desqualificação e perseguição do trabalho docente ao se estabelecer deveres, fixados em cartazes, que podem ser interpretados como tática de delação das práticas dos professores. Ainda que fale da pluralidade de ideias como princípio, na verdade criminaliza qualquer posicionamento crítico dos professores.

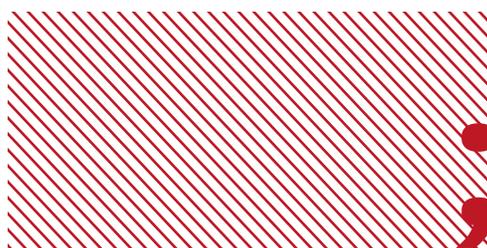


Projetos como esse têm por objetivo estabelecer o que o professor deve ou não dizer em sala de aula, como comportar-se diante dos fatos e diferenças pessoais e sociais. Na verdade, visam a impedir-lhes de despertar nos jovens a criticidade da realidade que vivem. O projeto *Escola Sem Partido* contribui, assim, para os sentimentos de medo, por parte de muitos professores, de perder seus postos de trabalho, e angústia ao sentir diminuída suas autonomias nos processos pedagógicos.

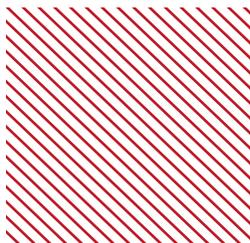
Arendt (2011) sustenta a ideia de que a educação e a liberdade possuem um vínculo que deve ser mantido pelo tipo de relação pedagógica existente no interior da escola e pelo compromisso com o mundo político. Todas as relações pedagógicas são políticas. No sistema de ensino atual, as relações pedagógicas são hierarquizadas, o que supõe que sempre haverá submissão, obediência e conteudismo. É exatamente neste ponto que reside a responsabilidade de educar para além dos conteúdos curriculares, formar cidadãos que questionem as hierarquias, que coloquem em dúvida o *status quo*.

O professor é tido como referência e os alunos, de alguma forma, o tomam como modelo, identificam-se com sua imagem. Quem educa, portanto, assume posição de referência e modelo a ser observado. Essas representações remontam a contemporaneidade e, como mostra Gadelha (2005):

A figura do “educador” seria encarnada por uma cultura europeia humanizada que celebrava a emergência de um novo homem. Um [ser humano] que se pensava e que se queria individualizado, racional, livre, esclarecido, empreendedor. Um indivíduo que, embora ainda muito sensível aos valores e à moral do Deus cristão e de sua igreja, atrevia-se a contrariá-los, desvendando e dominando os segredos de um universo cada vez menos divinizado, tornado infinito pelo conhecimento que então se passava a ter da matemática e da geometria. Um homem que, por intermédio de novas leis e das instituições, acreditava ter encontrado uma base racional e sólida, garantidora de uma sociabilidade justa e fraterna entre seus pares. (p. 262).



O fato é que os valores atribuídos a esse novo sujeito “racional, livre e esclarecido”, se converteram em fardos que decorrem de preconceitos, de “tabus” acerca do magistério. Adorno (2008) trata o problema dos preconceitos acerca da docência como um problema enraizado na cultura. O professor é tido como uma representação do mal:



O poder do professor é execrado porque só parodia o poder verdadeiro, que é admirado. Expressões como “tirano de escola” lembram que o tipo de professor que querem marcar é tão irracionalmente despótico como só poderia sê-lo a caricatura do despotismo, na medida em que não consegue exercer mais poder do que reter por uma tarde as suas vítimas, algumas pobres crianças quaisquer. (pp. 103-104).

Também o excesso de trabalho é fator agravante, pois faz com que os professores percam sua convicção na potência transformadora da realidade e acabam por vivenciar um constante desgaste que os leva a “querer que acabe dos alunos e dos professores”. (Aquino, 2014, p. 114). Para este autor, o ensino cada vez mais marcado pela técnica, a educação se tornou um instrumento de dominação para formar jovens para o mercado de trabalho, sendo as práticas educacionais uma prova histórica da governabilidade que disciplinam os cidadãos criando uma normatização de condutas em todos os segmentos sociais.

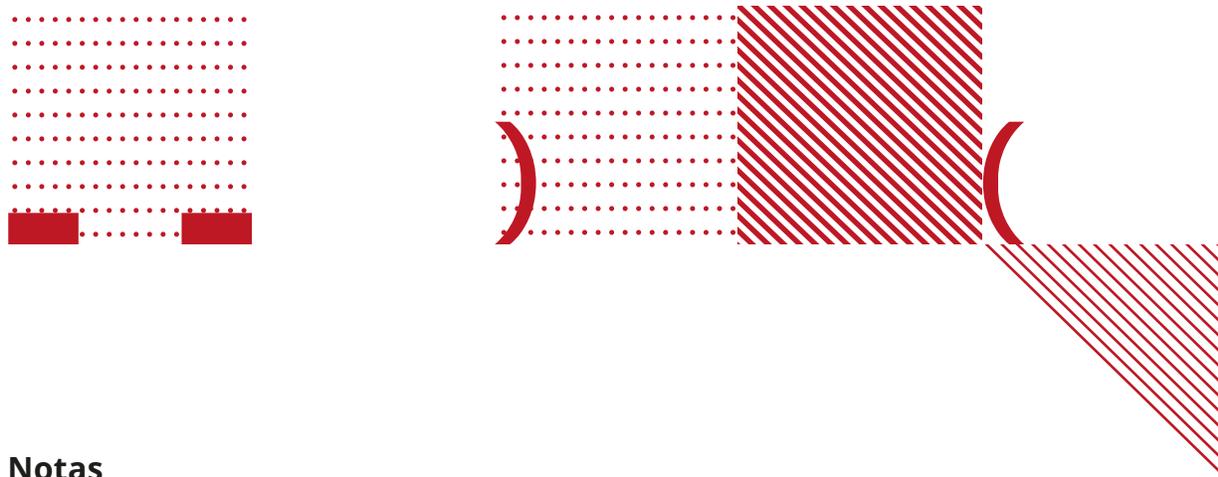
### Considerações finais

À luz da filosofia nietzscheana, podemos concluir que se torna impossível formar indivíduos autônomos em um sistema entregue à lógica tecnicista, valores que estão presente no PL *Escola Sem Partido* e que contribuem para um esvaziamento do sentido da prática docente. Essa educação mecanicista faz com que os instintos humanos sejam dominados e a razão colocada como escrava da técnica e do mercado. Com isso, o professor perde autoridade e capacidade criativa. Uma cultura universalizada faria com que o professor caísse no *niilismo* e perdesse a capacidade reguladora de sua profissão. Porém, o niilismo não deve ser um estado permanente. É necessário construir condições para a sua superação. De que modo? Fazendo a chamada transvaloração dos valores, isto é, a ressignificação da prática docente e criando formas de resistência a políticas que negam a potência transformadora da educação.

A educação e a cultura devem ser elementos de valoração da vida. No entanto, o sistema afirma o contrário. A transvaloração dos valores, proposta por Nietzsche (2009), aplicada à educação, consistiria em os sujeitos adquirirem hábitos de educarem a si mesmos, contra a educação que lhes foi imposta. Enfrentar a

docência com resistência é o caminho para a recuperação da autoridade pedagógica. “Tornar-se o que se é” (Nietzsche, 2008), independente do sistema, que quer determinar o sujeito como máquina do mercado. É necessário subverter a lógica do consumo para que assim se possa mudar a cultura e o futuro dos nossos estabelecimentos educacionais.

Assumir o comando de si mesmo significa fazer um trabalho de si, trabalhar a espiritualidade, fazer da sala de aula um lugar onde haja liberdade de pensamento. Nesse sentido, não podemos ignorar ou sermos indiferentes ao fato de que o mal-estar que experimentamos na contemporaneidade alcança o exercício docente. Acreditamos que se o professor se ocupar consigo próprio, reconhecer-se no comando de si e desenvolver uma educação de si que considere também os outros, certamente esse seria um dos possíveis caminhos para construir melhores condições de bem-estar na docência.



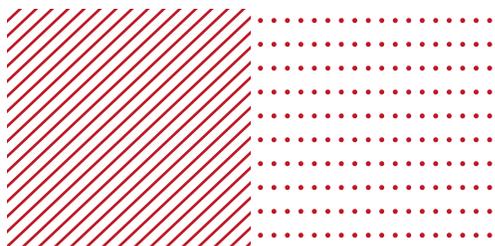
## Notas

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Goiás, Brasil. Professora substituta do Instituto Federal de Goiás, Brasil. Professora da rede privada da cidade de Jataí, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Goiás, Brasil.

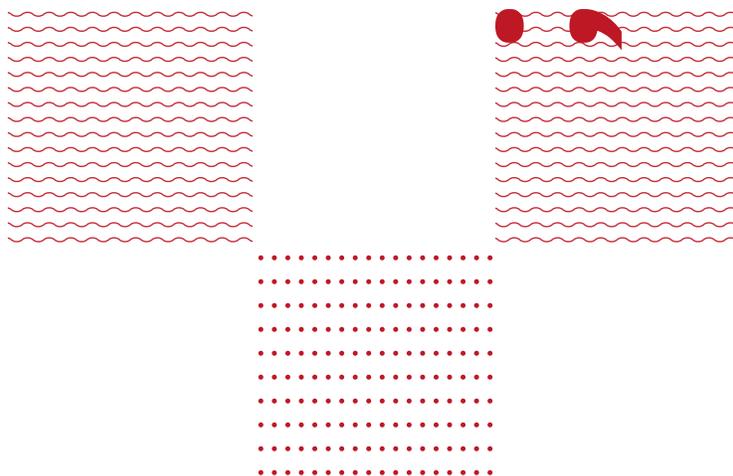
<sup>3</sup> Doutor em Cultura e Pensamento Europeu pela Universidade de Léon, Espanha. Professor Titular do Instituto Federal de Goiás, Brasil.

<sup>4</sup> Note-se que o projeto de educação parte de iniciativa de um advogado, e não de educador, o que demonstra que seus interesses são de cunho privado.



## Referências bibliográficas

- Adorno, T. W. (2008). *Educação e emancipação* (Leo Maar, Tradução). São Paulo: Paz e Terra.
- Amorim, M. de F. (2013). *Filosofia. Ensino Médio* (vol. 3). Belo Horizonte: Educacional.
- Aquino, J. G. (2014). *Da autoridade pedagógica à amizade intelectual: uma plataforma para o éthos docente*. São Paulo: Cortez Editora.
- Arcoverde, L., Franco, E., Galvão, D., Prado, G. (2017). *Número de professores afastados por transtornos em SP quase dobra em 2016 e vai a 50 mil*. GloboNews. Disponível em <http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias-2017/numero-de-professores-afastados-por-transtornos-em-sp-quase-dobra-em-2016-e-vai-a-50-mil/>
- Arendt, H. (2011). *Entre o passado e o futuro* (Mauro W. Barbosa de Almeida, Tradução). São Paulo: Perspectiva.
- Brasil. (2020, março 01). *Projeto de Lei 7.180/2014*. Disponível em [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=E-AB5FA3902BDA7889821108EBE85B57A.proposicoesWeb2?codteor=1232338&filename=Avulso+-PL+7180/2014](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=E-AB5FA3902BDA7889821108EBE85B57A.proposicoesWeb2?codteor=1232338&filename=Avulso+-PL+7180/2014)
- Esteve, J. M. (1999). *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru, Brasil: EDUSC.





- Gadelha, S. de S. (2005). De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). *Educação e sociedade*, 26(93), 1257-1272. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27278.pdf>.
- Libâneo, J. C. (2012). *Considerações críticas sobre o documento: "diretrizes do pacto pela educação - reforma educacional goiana"*. Goiânia. Disponível em <http://sintego.org.br/midias/banners/13122013082557.pdf>.
- Nietzsche, F. (2008). *Ecce Homo*. (Paulo César de Souza, Trad.) São Paulo: Cia das Letras.
- Nietzsche, F. (2009). *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. (2011). *Escritos sobre educação* (Noéli Correia de Melo Sobrinho, Trad., 7º ed.) São Paulo: Loyola.
- Programa Escola Sem Partido. (2017). Por uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar. Disponível em <http://www.programaescolasempartido.org/>
- Silva, C. (2000). *Nietzsche, Freud e o problema da cultura*. São Paulo: Cadernos nietzschianos 8.

